

Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça

Multilingualism and language policy: analysis of a cross-border linguistic landscape

Izabel da Silva^{*}
Maria Elena Pires Santos^{**}
Neiva Maria Jung^{***}

RESUMO: Os efeitos das mudanças na sociedade têm contribuído para uma diversificação da diversidade e para o aumento de cenários cada vez mais plurilíngues e multiculturais (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Diante disso, este trabalho investiga como a paisagem linguística da cidade transfronteiriça de Foz do Iguaçu/PR semiotiza o multilinguismo no espaço público, e que políticas linguísticas circunscrevem este contexto. Nosso embasamento teórico teve contribuições do campo da política linguística (HAMEL, 1993; CALVET, 2007; MAHER, 2007, 2008, 2013); de pesquisas na área da paisagem linguística (CENOZ; GORTER, 2008; SHOHAMY; GORTER, 2009; BLOMMAERT; MALY, 2014); e partiu de uma perspectiva interdisciplinar para conceituar superdiversidade e globalização (VERTOVEC, 2007; SOUSA SANTOS, 2010). O corpus da pesquisa de campo foi constituído por meio da captação fotográfica de diferentes textos inscritos nos espaços públicos da cidade. A análise dos dados sugere que o multilinguismo registrado na paisagem linguística de Foz do Iguaçu tem influência dos processos de globalização, especialmente por meio do inglês, que semiotiza também o

ABSTRACT: The effects of changes in society have contributed to a diversification of diversity and the increase of increasingly plurilingual and multicultural scenarios (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Therefore, this paper investigates how the linguistic landscape of the border city of Foz do Iguaçu/PR semiotizing multilingualism in the public space, and which language policies circumscribe this context. Our theoretical basis had contributions from the field of language policy (HAMEL, 1993; CALVET, 2007; MAHER, 2007, 2008, 2013); research in the field of linguistic landscape (CENOZ; GORTER, 2008; SHOHAMY; GORTER, 2009; BLOMMAERT; MALY, 2014); and came from an interdisciplinary perspective to conceptualize superdiversity and globalization (VERTOVEC, 2007; SOUSA SANTOS, 2010). The field research corpus was formed through the photographic capture of different texts enrolled in public spaces of the city. Data analysis suggests that multilingualism recorded in the linguistic landscape of Foz do Iguaçu had influence of globalization processes, especially by the English, who also semiotizing the tourist party, and different immigration flows, with

^{*}Professora do Instituto Federal do Paraná. Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: izabel.silva@ifpr.edu.br

^{**}Professora do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteira e do Mestrado e Doutorado em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Contato: mel.pires@hotmail.com

^{***}Professora do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: neiva.jung@gmail.com.br

interlocutor turista, e dos diferentes fluxos imigratórios, com maior expressão dos grupos de língua árabe, que tem sua língua e cultura marcada no centro e no bairro próximo à fronteira do Paraguai; também mostrou que a ordenação do espaço urbano da cidade é semiotizado e semiotiza diferentemente as línguas e comunidades linguísticas que vivem nesse espaço, sendo, portanto, a paisagem linguística reveladora de políticas linguísticas e culturais locais.

higher expression of Arabic-speaking groups, which has its language and culture marked in the center and in the neighborhood near the Paraguayan border; also showed that the ordering of urban space in the city is semiotized and semiotizing differently languages and language communities living in this area, and thus the revealing linguistic landscape of local linguistic and cultural policies.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo. Política linguística. Paisagem linguística.

KEYWORDS: Multilingualism. Language policy. Linguistic landscape.

1. Introdução

Os efeitos das mudanças na sociedade, como a intensificação do processo de globalização, a porosidade das fronteiras e a mobilidade e variabilidade dos fluxos migratórios estabeleceram conexões entre o local e o global (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). A interação destes fatores mudou a noção de diversidade em direção à noção de “superdiversidade”, segundo Vertovec (2007), termo utilizado pelo autor para designar a “diversificação da diversidade”. Basta observarmos as línguas escritas e/ou semiotizadas ao nosso redor, para perceber como as mudanças na sociedade têm provocado também mudanças na “paisagem linguística”¹ das cidades (SHOHAMY; GORTER, 2009; BLOMMAERT, 2012), e, por conseguinte, como essas paisagens refletem políticas linguísticas, aqui compreendidas como o estabelecimento de objetivos (governamentais ou locais) referentes à(s) língua(s) existente(s) em um dado contexto específico e aos modos de concretização desses objetivos (MAHER, 2008, p. 411).

As pesquisas mais recentes em política linguística têm se preocupado com as ideologias e representações linguísticas (SHOHAMY, 2006), inclusive, as refratadas na paisagem linguística da sociedade contemporânea. Na última década, os chamados *Estudos da Paisagem Linguística* (*Linguistic Landscape Studies*, doravante LLS) têm emergido como uma tentativa de produzir inventários precisos e detalhados do multilinguismo urbano (BLOMMAERT; MALY, 2014). Shohamy (2006) assinala a importância de se reconhecer a língua(gem) no espaço público como um dos principais mecanismos que afetam a política linguística, já que

¹ A denominação de “paisagem linguística”, amplamente entendida pelos autores como a combinação de textos escritos no espaço público de um território, será mais bem explicada adiante.

pode transformar ideologias em práticas, assim como pode servir de lugar de protestos e negociações.

Entretanto, não são novas as pesquisas sobre as línguas e os signos verbais em espaços públicos, tampouco os estudos sobre os usos das línguas nessa cidade transfronteiriça; a Linguística Aplicada e várias pesquisas realizadas especialmente no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteira já se ocuparam em estudar o multilinguismo desse contexto anteriormente. A novidade está no uso do conceito de “paisagem linguística” adaptado de trabalhos sobre planejamento linguístico, ao qual se atribui a Landry e Bourhis (1997), a pesquisa pioneira na área (CENOZ; GORTER, 2008). A formulação teórica de Landry e Bourhis (1997) abriu caminho para novas pesquisas interessadas em documentar e analisar os efeitos da globalização, o multilinguismo e a superdiversidade na paisagem linguística de diferentes cidades ao redor do globo (SHOHAMY; GORTER, 2009; BLOMMAERT; MALY, 2014). Apesar do aumento considerável e da variedade de pesquisas produzidas ultimamente no Brasil sob o guarda-chuva da política linguística, ainda percebemos uma lacuna nos estudos voltados, especialmente, à análise do multilinguismo representado na paisagem linguística brasileira, sobretudo, em contextos de fronteira.

Considerando as dinâmicas sociais da fronteira (MACHADO e SILVA, 2012), especificamente da cidade transfronteiriça (Argentina, Brasil, Paraguai) de Foz do Iguaçu/PR, nos parece relevante realizar pesquisas que visibilizem políticas linguísticas locais, descrevendo como os espaços públicos são arenas sociais, visto que mudanças e transformações na sociedade - como a globalização e os diferentes fluxos (i)migratórios - podem deixar marcas na paisagem urbana. Neste sentido, tentamos reconhecer, visual e simbolicamente, como a paisagem linguística de Foz do Iguaçu registra o multilinguismo, e conseqüentemente, que políticas linguísticas circunscrevem o contexto transfronteiriço. Com vistas a concretizar o objetivo proposto, documentamos, por meio de captação fotográfica, uma amostra representativa de textos da paisagem linguística da cidade por meio de diferentes suportes (placas informativas para turistas, anúncios publicitários, nomes de lojas, letreiros, entre outros).

A perspectiva teórico-metodológico deste trabalho circunscreve-se à área da Linguística Aplicada, para abordar a política linguística por meio da análise da paisagem linguística. Na primeira seção, revisitamos os conceitos de multilinguismo e superdiversidade, com a finalidade de fundamentar epistemologicamente o nosso olhar; na seção seguinte, descrevemos a diversidade linguístico-cultural da cidade de Foz do Iguaçu e, na terceira seção, analisamos

parte da paisagem linguística da cidade; por último, apresentamos algumas considerações finais.

2. Multilinguismo e Superdiversidade: a paisagem linguística como política linguística

O aumento da diversidade deve-se ao efeito de duas forças diferentes, porém, conectadas: as novas e mais complexas formas de migração e as novas formas de comunicação e circulação do conhecimento, como a internet (BLOMMAERT, 2012). A globalização possibilitou a interação destas duas forças e contribuiu para o surgimento de contextos cada vez mais multilíngues²; trouxe transformações também para a paisagem linguística e o estudo da linguagem na sociedade. O termo globalização se refere a conjuntos diferenciados de relações sociais que, por sua vez, originam diferentes fenômenos de globalização. Em termos gerais, “a globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 438).

Mesmo que os processos que chamamos de globalização não sejam novos em substância, eles são novos em intensidade, escopo e escala (BLOMMAERT, 2012). A partir da década de 1990, por exemplo, é possível perceber diferentes fatores nos processos migratórios, como os distintos perfis de gênero e idade, experiências divergentes do mercado de trabalho, padrões de distribuição espacial e respostas locais variadas. A interação desses fatores levou Vertovec (2007) a (re)significar o termo diversidade por “superdiversidade”. A superdiversidade caracteriza-se, assim, pela convergência de diferentes fatores observados no processo de migração e no conjunto mais amplo das relações sociais e econômicas nos locais nos quais eles residem. Entre os diversos fatores de superdiversidade citados pelo antropólogo britânico, a categoria “país de origem” inclui traços como etnia, língua(s), tradição religiosa, identidades regionais e locais, valores e práticas culturais.

Destacamos aqui, entretanto, o cuidado que precisamos ter com o conceito de superdiversidade, pois as novas tecnologias e formas de migração significaram sim mudanças de usos e significações de línguas e identidades, mas isso não necessariamente ocorreu em todas

² Neste artigo, preferimos usar os termos multilíngue/multilinguismo em vez de plurilíngue/plurilinguismo para nos referirmos à paisagem linguística, pois conforme sintetiza Ribeiro-Berger (2015), o termo “multilíngue” refere-se à coexistência de diferentes línguas em dada sociedade ou espaço, enquanto que o termo “plurilíngue” remete ao uso de várias línguas por um indivíduo.

as comunidades. Como destaca Reyes (2014), o conjunto de pressupostos desse conceito, sua ontologia, baseada em novas mídias e dados amplos, pode levar a uma transformação ontológica marcada por uma ideologia da globalização. Para ela, podemos perguntar se há alguma coisa nova para a rotulagem de superdiversidade, novos meios de comunicação e dados superdiversos como “novos”. Segundo ela, a resposta é não, e ela sugere que nos perguntemos por que estes termos agora? E quem, de fato, experiencia o mundo como superdiverso?

O interesse em estudos voltados para a diversidade de contextos multilíngues faz parte do escopo da disciplina de política linguística desde o seu surgimento, na segunda metade do século XX, e têm crescido nos últimos anos, inclusive no Brasil. Apesar de existir um debate controvertido quanto à definição dos termos política linguística e planejamento linguístico, preferimos adotar a perspectiva de Maher (2013), que entende a política linguística e o planejamento linguístico como mutuamente constituídos, e por isso, não devem ser vistos como processos independentes ou dissociados. Neste sentido, empregamos o termo política linguística tanto para a determinação das grandes decisões referente às relações entre as línguas e a sociedade, como para a implementação destas decisões, com vistas a modificar a realidade linguística.

Shohamy (2006) desenvolve uma abordagem que objetiva explicar o funcionamento das políticas linguísticas *de facto* presentes na sociedade. No modelo proposto pela autora, mesmo as políticas explícitas podem não refletir as políticas *de facto*, pois, muitas vezes, são apenas cartas de intenções. Para a autora, as políticas linguísticas *de facto* são determinadas por vários aparatos políticos (*policy devices*) ou mecanismos, ou seja, por canais onde as políticas linguísticas são reproduzidas e manifestadas na sociedade. Ela cita quatro mecanismos de políticas linguísticas: *rules and regulations*; *language education policies*; *language tests*; e *language in the public space*. Shohamy argumenta que a “linguagem no espaço público” serve como um mecanismo para afetar, manipular e impor práticas de linguagem, neste sentido, ele é semelhante aos outros três mecanismos, pois podem transformar ideologias em prática, e, portanto, são parte da visão mais ampla da política linguística (SHOHAMY, 2006).

O espaço público é uma área relativamente nova de atenção na política linguística; a maioria das pesquisas sobre o uso da linguagem tende a concentrar-se principalmente nos falantes e não em seus ambientes (SHOHAMY, 2006, p. 111). De forma estrita, se entende que a paisagem linguística refere-se à língua em espaços públicos, abertos, expostos e compartilhados por todos (SHOHAMY; GORTER, 2009). O conceito de “paisagem

linguística” (*linguistic landscape*), atribuído a Landry e Bourhis (1997), surgiu com a necessidade de demarcar os limites linguísticos de determinado território através da regulação do uso da linguagem em espaços públicos. A noção de paisagem linguística elaborada pelos autores e citada por Cenoz e Gorter (2008) corresponde à combinação da língua utilizada em anúncios e letreiros comerciais, placas de ruas e estradas, placas de edifícios públicos e outros textos escritos no espaço público de um território, cidade ou região.

Um ponto importante apontado por Shohamy (2006) é que a paisagem linguística pode ser configurada, tanto por políticas linguísticas *top-down*, visíveis em textos regulados por autoridades públicas (como em signos governamentais, edifícios públicos, nomes de ruas, placas de localização ou placas turísticas, etc.); quanto por políticas linguísticas *bottom-up*, colocados em prática por pessoas privadas (por exemplo, nos textos de lojas, associações, empresas, restaurantes, bancos, anúncios publicitários, etc.). Por conseguinte, a paisagem linguística de uma região, além de evidenciar como o multilinguismo é semiotizado no espaço público, pode funcionar como um marcador “informativo” e “simbólico” do poder e do *status* das comunidades linguísticas que habitam o território.

Conforme argumentam Cenoz e Gorter (2008), tomando como base a proposta de Landry e Bourhis (1997), a “função informativa” delimita as fronteiras territoriais de um grupo linguístico ao indicar que uma ou várias línguas podem ser utilizadas na comunicação, e a “função simbólica” se refere ao valor e *status* das línguas tal e como um grupo as percebem em comparação com outros grupos. Os marcadores informativos ou simbólicos dos textos escritos no espaço público podem evidenciar a vitalidade das línguas e confirmar a presença do multilinguismo ou da superdiversidade expressa na paisagem linguística; ao mesmo tempo em que dão visibilidade às políticas linguísticas *de facto*, como nos mostra o contexto transfronteiriço fotografado.

3. Multilinguismo na cidade transfronteiriça de Foz do Iguaçu

A cidade brasileira (localizada no oeste do Paraná e sul do Brasil) é conhecida (inter)nacionalmente pelo turismo, tanto para a visita das Cataratas do Iguaçu - reconhecida como patrimônio natural da humanidade - ou da Itaipu Binacional - considerada a maior usina hidrelétrica geradora de energia no mundo -; quanto para realizar compras em *Ciudad del Este*, no Paraguai, e em *Puerto Iguazu*, na Argentina. Além disso, a cidade também apresenta uma diversidade marcante, anterior à delimitação do Estado nacional.

Desde o estabelecimento da Colônia Militar, em 1889, com o objetivo de demarcar e controlar a área fronteiriça, que Foz do Iguaçu já exibia uma pequena diversidade cultural e linguística. Descreve o historiador Silva (2014) que, ao chegar ao Rio Iguaçu, os militares fizeram uma contagem da população local: “havia 212 paraguaios, 95 argentinos, 9 brasileiros, 5 franceses, 2 espanhóis e 1 inglês, totalizando 324 pessoas” (idem, 2014, p. 33).

Atualmente, de acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal, a cidade possui habitantes de cerca de 80 nacionalidades, sendo os grupos mais representativos de imigrantes oriundos do Líbano, China, Paraguai e Argentina. Esse dado referente a grande quantidade de etnias gera controvérsias, já que não se tem conhecimento de um levantamento específico sobre essa diversidade. Trata-se de um dado que destaca localmente uma imagem da cidade como cosmopolita, plurilíngue e superdiversa, “uma verdadeira Babel”, conforme o trecho a seguir de um jornal local, publicado em 2015, ano de comemoração dos 100 anos da cidade.

Foz do Iguaçu, uma metrópole de muitos povos.

Foz do Iguaçu é assim, até parece uma cidade imaginária. É uma verdadeira babel, com uma diversidade étnica parecida com grandes metrópoles mundiais, imigrantes de várias raças e etnias marcam a cultura do município.

(*A Notícia*. O jornal da Vila A e região. Foz do Iguaçu, março de 2015).

As duas afirmações iniciais “Foz do Iguaçu, uma metrópole de muitos povos. Foz do Iguaçu é assim, até parece uma cidade imaginária” apresentam como inquestionável a questão da diversidade na realidade transfronteiriça, mas a associam com o fantástico, o imaginário, uma realidade como a de “grandes metrópoles mundiais”. Além disso, na sequência essa manchete da página inicial do jornal destaca a questão plurilíngue e a diversidade étnica e racial que constituiriam a cultura plural do município. Queremos destacar que essa manchete está acompanhada de uma imagem de uma mesquita e de um buda, representando, portanto a etnia muçulmana e a filosofia budista, geralmente associada aos indianos. Ou seja, considerando o provável interlocutor desse jornal, as pessoas que vivem em Foz do Iguaçu, o jornal parece pretender legitimar que, aos 100 anos de cidade, o morador local pode se sentir em uma grande metrópole.

Essas são representações da diversidade e superdiversidade de Foz do Iguaçu, e destacamos alguns fatores que contribuíram para o aumento de interações plurilíngues entre os sujeitos transfronteiriços e do multilinguismo semiotizado no espaço público da cidade. Na década de 1970, a construção da Ponte da Amizade possibilitou um rápido acesso ao Paraguai.

Foi neste período que iniciaram-se as obras da Hidrelétrica Binacional de Itaipu, e com isso, o aumento do fluxo (i)migratório na cidade, “registrando um crescimento populacional de 385% em uma década” (OLIVEIRA, 2012, p. 25). Soma-se ao crescimento local a criação, em 1985, da Ponte Internacional da Fraternidade, oficialmente denominada Ponte Tancredo Neves, dessa vez, conectando a fronteira de Foz do Iguaçu a *Puerto Iguazu*, na Argentina.

A infraestrutura ligando os três países possibilitou maior contato entre as línguas e culturas dos países vizinhos. É possível observar em Foz do Iguaçu a circulação de automóveis, sobretudo, com placas paraguaias; ou mesmo o consumo de produtos argentinos (azeitonas, empanadas, vinhos, azeites) e paraguaios (*chipa guazu*, sopa paraguaia, “tererê”³). Estes exemplos mostram que as fronteiras são zonas de flexibilidade e porosidade, talvez nos termos do conceito de superdiversidade, deixando de representar, unicamente, a delimitação de território, onde são constituídos e demarcados os limites da jurisdição do Estado, dos símbolos oficiais da pátria, dos interesses políticos e econômicos ou da língua nacional (CARDIN, 2012).

O multilinguismo inscrito na paisagem linguística da região e as práticas plurilíngues devem-se, também, aos diferentes fluxos (i)migratórios na cidade. Entre os diferentes grupos de imigrantes da cidade, os mais expressivos no tecido urbano de Foz do Iguaçu são os de origem árabe. É possível observar, principalmente na região central, diversos restaurantes de comida árabe/libanesa, açougues e mercearias, lojas de “arguile” (ou narguilé), pessoas com vestimentas tradicionais árabes, etc. Nos últimos anos, a criação da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) deu início a um novo e diferente movimento (i)migratório. Os dados do Departamento de Informações Institucionais da universidade mostram que em 2014⁴, já são 11 nacionalidades latino-americanas distintas entre os acadêmicos. Os fluxos imigratórios têm provocado mudanças no sistema público de transporte e saúde, na habitação e nas relações sociais da comunidade, transformando esse espaço em um cenário sociolinguisticamente complexo e rico.

A complexidade linguística e cultural fronteiriça, bem como, os fluxos (i)migratórios já vêm sendo estudados há algum tempo na região (PIRES SANTOS, 1999, 2004, 2014; PIRES SANTOS; CAVALCANTI, 2008; GREGORY, 2002, 2011, 2012; MACHADO E SILVA, 2008, 2012; CARDIN, 2011, 2013, 2015, entre outros). Trata-se de um contexto plurilíngue

³ O tererê (ou tereré) é uma bebida de origem guarani, típica do Paraguai; é feito com a infusão da erva-mate em água fria e pode ser preparado com ervas medicinais, limão, hortelã, entre outros.

⁴ Disponível em: <https://www.unila.edu.br/noticias/nosotros-latino-americanos-presente>. Acesso em: 20 ago. 2014.

não somente porque nesse cenário são faladas diferentes línguas – português, espanhol e guarani, como línguas oficiais dos respectivos países da fronteira, mas devido as outras línguas resultantes de diásporas, como árabe, chinês, alemão, italiano, etc. – e as línguas locais, como reconhecer um português de fronteira (MAHER, 2007), o guarani jopará⁵ como língua falada e escrita no Paraguai, a diversidade dentro do que é reconhecido localmente como árabe, espanhol, dentre outras.

Desse modo, apesar de não existir, no município, uma política linguística oficial que contemple a diversidade, além daquela que vende essa diversidade como uma *commodity*, concordamos com Blommaert (2012), quando afirma que o espaço não é neutro. Além disso, partimos também do pressuposto de que as pessoas fazem políticas linguísticas no seu dia a dia (McCARTY, 2011). Torna-se importante, então, fornecer uma visão delimitada sobre como o espaço é semiotizado e como ele semiotiza o que se passa dentro de sua órbita, e para quais políticas linguísticas essa paisagem aponta. Nesta direção, os estudos em paisagem linguística podem funcionar como uma excelente ferramenta para um trabalho de campo exploratório e etnográfico; podem também dar visibilidade às diferentes formas de letramentos exibidos nos espaços públicos, além de ajudar a detectar e interpretar as mudanças sociais reunidas em um espaço sincrônico (BLOMMAERT; MALY, 2014). Como observamos a seguir, a paisagem linguística de Foz do Iguaçu tem muito a dizer, pois semiotiza o multilinguismo e políticas linguísticas locais da fronteira.

4. Políticas linguísticas locais: o que nos revela a paisagem linguística transfronteiriça

O estudo exploratório que realizamos da paisagem linguística de Foz do Iguaçu nos forneceu uma visão panorâmica do multilinguismo e das políticas semiotizadas no espaço público da cidade transfronteiriça. O *corpus* fotográfico foi constituído pelas autoras em vários momentos (de junho a dezembro de 2015). Procuramos fotografar textos apenas em espaços públicos (letrados, restaurantes, açougues, supermercados, placas de indicação e localização, lojas, anúncios de compra e venda, placas informativas para turistas, grafites, placas de carros, etc.) nos quais apareciam o português e outras línguas, contabilizando um total de 97 fotografias. No entanto, devido ao formato do artigo, analisamos aqui apenas 9 delas. Em todo

⁵ Refere-se à língua guarani misturada com alguns termos do espanhol (PIRES-SANTOS, 1999, p. 21)

o *corpus* fotográfico conseguimos identificar as seguintes línguas ou combinações linguísticas: português, inglês, árabe, espanhol (variante peninsular, variante hispano-americana e portunhol), guarani, chinês, japonês, francês, alemão e italiano. Os dados sugerem que, salvo o português (língua oficial brasileira), o inglês, a língua árabe e o espanhol são as línguas mais recorrentes, no espaço público da cidade.

É possível elaborar uma geografia da cidade a partir das línguas inscritas no ambiente linguístico e acompanhar as mudanças através desse ambiente, afirma o sociolinguista Calvet (2007). Do mesmo modo, Blommaert e Maly (2014) asseguram que podemos realizar uma análise etnográfica da paisagem linguística para obter uma imagem da dinamicidade e complexidade que caracteriza ambientes superdiversos, partindo da infraestrutura dos bairros. Como nossa intenção foi descobrir quais línguas circulam e quais políticas linguísticas estão semiotizadas na paisagem linguística de Foz do Iguaçu, nesta seção, antes da análise, descrevemos e ordenamos as figuras, sequencialmente, em três percursos interligados⁶ conforme a infraestrutura urbana de Foz do Iguaçu, aos quais denominamos: (1) Percurso da fronteira Brasil/Argentina; (2) Percurso da região central; e (3) Percurso da fronteira Brasil/Paraguai.

Percurso da fronteira Brasil/Argentina

As Figuras 1 e 2 correspondem à primeira rota, abrangendo os bairros próximos à fronteira da Argentina, do Aeroporto e de grande parte dos pontos turísticos da cidade (Cataratas do Iguaçu, Parque das Aves, Marco das Três Fronteiras, etc.). A fachada multilíngue do supermercado, na Figura 1, e a placa de orientação das Cataratas e do Aeroporto (Figura 2) parecem semiotizar grupos que formam Foz do Iguaçu e, ao mesmo tempo, um público turista.

⁶ Devido à dificuldade de detalhar todos os bairros fotografados, achamos melhor delimitá-los em três rotas interligadas, partindo da região da fronteira Brasil/Argentina, passando pelo centro e chegando à fronteira Brasil/Paraguai.

Figura 1 – Supermercado.



Figura 2 – Placa de Localização.



Na Figura 1, observamos a fachada de um supermercado que faz parte de uma rede local com lojas em vários bairros da cidade e região. Observamos, no entanto, que somente esta loja, neste bairro, colocou recentemente (em 2014) em sua fachada a palavra “Supermercado” escrita em seis línguas diferentes, na seguinte ordem: português, inglês, alemão, espanhol, chinês e árabe.

Além de uma função informativa, nos chama a atenção, na Figura 1, a ordem em que as línguas aparecem na fachada do supermercado; simbolicamente, nos parece que as primeiras línguas (português, inglês e alemão) ocupam esta posição devido ao *status* econômico que possuem no mercado linguístico, enquanto as três últimas (espanhol, chinês e árabe) se

relacionam aos grupos de imigrantes mais expressivos na cidade, o que não significa que as três línguas tenham o mesmo peso na paisagem linguística local. Trata-se de um texto que representa, ao mesmo tempo, efeitos da globalização e significados locais.

Na Figura 2, vemos uma placa de orientação em português e inglês; vale ressaltar que todas as placas de indicação de atrativos turísticos na cidade têm estas mesmas cores (fundo marrom e escrita branca) e, nessas rotas, estão escritas em inglês e português e, do lado esquerdo da placa, há um ícone de cachoeira (Cataratas) e de um avião (Aeroporto), que facilita a identificação pelo motorista, contribuindo para que este dedique sua atenção ao trânsito. Observamos que nesses textos, com função informativa destinada aos turistas, a língua inglesa é recorrente (Figura 2), indicando uma política linguística *top-down* ou oficial, já que a sinalização urbana geralmente é determinada por órgãos públicos. Entretanto, o inglês também aparece nos demais percursos descritos a seguir, em textos *bottom-up* (Figuras 3, 4 e 5), significando que o *status* do inglês como língua global possibilita que ele esteja em todo lugar.

Percurso da região central

As Figuras 3, 4, 5 e 6 enquadram a segunda delimitação do espaço, a região central da cidade. Os estabelecimentos ilustrados nas Figuras 3 e 4 estão localizados na principal avenida comercial do centro da cidade, enquanto que os da Figura 5 e 6 situam-se nas ruas adjacentes à região central. Esses textos semiotizam também os grupos que formam a cidade, ao mesmo tempo em que marca um interlocutor turista.

Figura 3 – Loja Raíces de América.



Figura 4 – Restaurante Brasa Burger.



No caso do texto do letreiro *Raíces de América*, na Figura 3, escrito em português, espanhol e inglês, observa-se que o nome do estabelecimento em espanhol, associado à composição da imagem com o ícone de um tucano, aponta para a origem, identidade da mercadoria, ou seja, são pedras, semi-joias e roupas artesanais brasileiras, latino-americanas. O detalhamento dessa mercadoria está escrito em inglês, provavelmente pensando no seu possível interlocutor ou consumidor, o turista.

A Figura 4 destaca-se pelo uso criativo das palavras “hamburgueria” e “shawarmeria”, escritas em letra minúscula; a fachada quase esconde o texto “*Hamburguer de 130g grelhado na brasa*” da placa que faz propaganda do nome do restaurante Brasa Burger. As figuras a seguir utilizam, além do árabe, línguas translocais.

Figura 5 – Colégio privado.

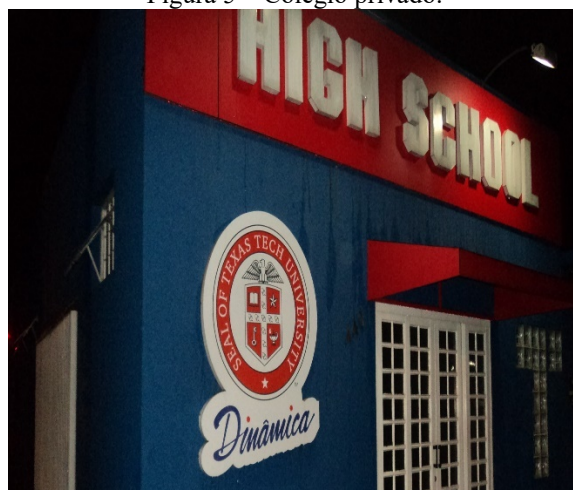


Figura 6 – Açougue Fino Corte.



Na Figura 5, observamos a fachada de um colégio privado, com o predomínio da cor azul, na parede, do vermelho no fundo da fachada e do branco nas portas e nas letras como em “*High School*”; as mesmas cores estão presentes na logomarca que traz o nome da escola e a inscrição em inglês “*Seal of Texas Tech University*”. Destacamos o uso das cores na Figura 5 devido às referências com as cores da bandeira dos Estados Unidos.

A Figura 6 traz uma palavra em francês “*boutique*”, já bastante usada em português, e em árabe, “*halal*”. O texto em árabe indica que nesse açougue as carnes são abatidas segundo os costumes da religião muçumana.

A utilização da língua inglesa nas placas de localização pode parecer informativa e dirigida a turistas. Contudo, uma análise na informação comercial (Figura 3, 4 e 5) indica que o inglês tem uma importante função simbólica também para os que não são falantes dessa língua. Como indicam os estudos apresentados por Cenoz e Gorter (2008), quando as pessoas reconhecem que uma mensagem está em inglês, isto pode ativar nelas valores como: modernidade, sucesso, sofisticação, internacionalização, etc. Assim, o uso do inglês é parte do processo de globalização, por isso, está relacionado também com questões de identidade e de poder.

Observemos, por exemplo, a fachada do colégio privado, na Figura 5: não só as cores são as mesmas da bandeira dos Estados Unidos, como a informação da oferta do Ensino Médio (*High School*) está em inglês; e a logomarca na parede traz o selo de qualidade da *Texas Tech*

University. Na Figura 4, vemos uma combinação do inglês, tanto no nome da lanchonete *Brasa Burger*, quanto na criação dos neologismos “hamburgueria” e “shawarmeria”. Isto nos mostra que a globalização é um processo pelo qual determinado fenômeno local é globalizado com sucesso, seja a transformação da língua inglesa em *língua franca* ou a globalização do *fast food* (SOUSA SANTOS, 2010, p. 438). Essa forma de globalização contribui para a percepção de que a hegemonia linguística pode até parecer desejável por razões sociais, mas acima de tudo, é desejável por motivos econômicos, comerciais e políticos.

A língua árabe também aparece de forma expressiva no espaço público da cidade, seja nesse percurso da região central (Figura 6) como no percurso da fronteira do Paraguai descrito a seguir (Figura 7). Nos dois percursos, os textos em língua árabe indicam uma política linguística *bottom-up*, pois parte da prática espontânea de particulares. A função informativa dos textos em árabe, geralmente, está relacionada à venda de alimentos e produtos (shawarma, esfiha ou açougue *halal*, como se observa nas Figuras 4 e 6); mas também pode trazer mensagens que informam a respeito de atividades religiosas e/ou educativas (Figura 7).

Na Figura 6, a escrita na língua árabe é traduzida para a língua portuguesa logo abaixo. No entanto, a palavra *Halal*⁷ permanece em árabe, embora escrita no alfabeto latino. Dessa forma, ampliam-se seus interlocutores potenciais, pois atende tanto àqueles que sabem ler em língua árabe, como quem não sabe, seja árabe ou não. Embora o significado da palavra *Halal* pressuponha como interlocutores aqueles que professam a religião muçumana, pois indica uma forma especial de abate do gado, pode ser entendida pelos habitantes da cidade que, na convivência cotidiana, vão se apropriando desses conhecimentos. Assim, as inscrições nas duas figuras instituem um tipo de mensagem, como assinala (CALVET, 2007, p. 74): “mesmo quem não sabe ler árabe (...) pode reconhecer esses sistemas gráficos, cuja presença desempenha, nesse caso, um papel simbólico, um papel de testemunho”.

Percurso da fronteira do Brasil/Paraguai

Neste terceiro e último percurso, descrevemos a Figura 7, 8 e 9, representando principalmente a paisagem urbana do bairro Vila Portes, próximo à Ponte da Amizade (fronteira

⁷ Segundo o Alcorão, livro sagrado da religião islâmica, o alimento é considerado *Halal* (permitido para consumo), quando obtido de acordo com os preceitos e as normas ditadas pelo Alcorão Sagrado e pela Jurisprudência Islâmica.

Brasil/Paraguai⁸), um bairro constituído pelo comércio, geralmente popular (em grande parte, por lojas de roupas novas e usadas, de utensílios domésticos, de ferros-velhos, etc.), pois os preços são mais baratos em comparação a lojas do centro da cidade. Nessa região, além do Real (moeda brasileira), é também comum o uso do Guarani (moeda paraguaia) no comércio do bairro. Trata-se de um bairro reconhecido na década de 1980 como de “exportação”, porque foi formado basicamente por árabes que trabalhavam com o comércio de roupas.

Na Figura 7, observamos um letreiro divulgando a chegada do Ramadã, escrito em árabe e português. Trata-se de um convite para aqueles que participam da Sociedade Beneficente Islâmica, pois não aparece nesta fotografia, mas atrás do letreiro está escrito o nome dessa associação na fachada também em português e árabe; do seu lado esquerdo, está a bandeira do Brasil; do lado direito, a do Líbano e, no meio, seu ano da fundação (1985). Note-se que abaixo do letreiro há uma placa indicando que no edifício está presente o Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro e o lema “Sempre Alerta para Servir!”.

Figura 7 – Sociedade Beneficente Islâmica.



Trata-se, por um lado, de um texto que se dirige especialmente para as comunidades árabes e, nesse caso, interpelando como seus interlocutores, não só pessoas da comunidade em geral, mas talvez a função do uso do português, também seja para se dirigir aos falantes árabes, que preferem usar o português, como é o caso de alguns filhos que nasceram no Brasil. Por

⁸ Nesse último percurso, que corresponde à fronteira Brasil/Paraguai, também foram fotografados diversos textos em língua inglesa de anúncios publicitários referindo-se à venda de produtos importados, nas lojas de *Ciudad Del Este*. No entanto, trataremos, especificamente, da paisagem linguística paraguaia e argentina, em outro momento.

outro lado, a presença da língua árabe, nessa Figura 7, simboliza uma escolha política e identitária. A composição das cores da bandeira brasileira no letreiro e na placa do Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro (ou o lema “Sempre Alerta para Servir!”), ou ainda o símbolo das duas bandeiras na fachada, assim como a preocupação com a tradução para o português do texto que informa a chegada do Ramadã, são indícios de que identidades nacionais (libanesa e brasileira) estão talvez dando lugar a uma identidade libanesa brasileira.

Na Figura 8, nota-se a presença da língua guarani registrada no nome do hortifrutigranjeiro *Comercial Cuña Porã*, que em português significa “moça bonita”. Neste texto a interlocução é com o público paraguaio que trabalha e compra nessa região brasileira.

Figura 8 – Comercial *Cuña Porã*.



O uso da língua guarani também pode ser observado na última imagem (Figura 9 - “*Orereñoi heta sýgui ha ápe kyvy ha rykey mante areko*”). Trata-se de uma inscrição em três línguas (espanhol, português e guarani) exibida nos muros da Aduana Brasil-Paraguai, na entrada da Ponte da Amizade que leva ao país vizinho.

Figura 9 – Muro da Aduana Brasil-Paraguai.



Esse texto é um verso da música *La Perla*, da banda porto-riquenha *Calle 13* (“*Nacimos de muchas madres pero aquí solo hay hermanos*”, verso original em espanhol e “*Nascemos de muitas mães, mas aqui só tem irmãos*”, conforme a inscrição em português). A intervenção artística tem a assinatura de três agentes: Fundação Cultural, Ação Poética 3 Fronteiras e Diálogos de Fronteira.

A língua espanhola, oficial na Argentina, no Paraguai e em quase todos os países da América Latina, e apesar da sua importância na Tríplice Fronteira, aparece raras vezes em placas de indicação turística e, quando aparece em textos comerciais (Figura 3), acaba compartilhando o espaço com outras línguas, ou está escrita em sua forma híbrida português/espanhol, denominada portunhol, na fronteira. O mesmo ocorre com a língua guarani (Figura 9), também oficial no Paraguai.

As funções simbólicas percebidas nas Figuras 8 e 9 remetem à crença de que a língua guarani, nas raras vezes que aparece no espaço público, é quase exclusivamente em nomes próprios (Figura 8), em que já se perdeu sua referência em relação a esta língua; ou, ocupa um espaço que é, muitas vezes, caracterizado pela mídia como a fronteira do “contrabando” e da “ilegalidade” (Figura 9). No muro da Aduana Brasil-Paraguai (Figura 9), a escrita das línguas espanhol, guarani e português, neste espaço partiu de uma intervenção integrada entre o público

(Fundação Cultural, órgão da prefeitura), o privado (Diálogos de Fronteira, iniciativa da empresa Polo Iguassu) e agentes sociais (alunos da UNILA por meio do grupo Ação Poética 3 Fronteiras). Esta ação integrada nos mostra como uma política linguística pode ser tanto resultado de práticas planejadas e/ou espontâneas.

5. Considerações finais

A análise das fotografias nos permitiu reconhecer a diversidade linguístico-cultural presente na paisagem linguística de Foz do Iguaçu e funcionou como um mecanismo de leitura semiótica da cidade. Percebemos, primeiramente, que o português e o inglês estão nos três percursos, apontando para uma certa hegemonia do português e do inglês como língua translocal que semiotiza o turismo local e representa seu *status* econômico no mundo globalizado. Por sua vez, observamos a presença da comunidade árabe local, especialmente no centro e na Vila Portes, perceptível por meio dos letreiros escritos em árabe ou com signos que remetem à sua cultura. Percebemos também assimetrias quanto à circulação das línguas no tecido urbano, principalmente com relação às línguas fronteiriças, o guarani e o espanhol, quase invisíveis na paisagem linguística iguaçuense, presentes praticamente na Vila Portes. Esse breve estudo assinala a presença de políticas linguísticas *top-down* e *bottom-up* semiotizando espaços e grupos e indicando que o multilinguismo e a superdiversidade são fenômenos muito comuns nessa região transfronteiriça, o que é resultado de diferentes fatores históricos, políticos e econômicos como: as (i)migrações; a porosidade das fronteiras e a globalização. Nas palavras de Sousa Santos (2010), esses fenômenos têm possibilitado aos grupos migratórios contestar a fixidez das representações que lhes são impostas e a buscar formas próprias de organização, alternativas às comunidades étnicas apadrinhadas pela sociedade dominante. Isto nos mostra que o ordenamento do espaço e os textos nele escritos podem constituir formas de agência e enunciar diferentes identidades e ideologias, portanto, o espaço físico é também um espaço social, cultural e político (BLOMMAERT, 2012).

Em suma, consideramos importante que mais pesquisas em paisagem linguística sejam desenvolvidas no campo da política linguística, no Brasil, pois pode ser um importante indicador capaz de fornecer informações relevantes sobre políticas linguísticas locais e as questões de poder e identidade das pessoas e grupos, para além de uma identidade nacional e étnica, e legitimar a vida vivida na diversidade.

Referências Bibliográficas

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**. Vol. 13, N.º 2, p. 1-21, 2011.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Super-diversity and Linguistic Landscapes**, 2012. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

BLOMMAERT, J.; MALY, I. **Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study**. 2014. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CARDIN, E. G. Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Geopolítica(s)**, 3(2), 207-234, 2012.

CENOZ, J.; GORTER, D. **El estudio del paisaje lingüístico**. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11245/1.293687>>.

FOZ DO IGUAÇU, uma metrópole de muitos povos. A Notícia. **O jornal da Vila A e região**. Foz do Iguaçu, mar. de 2015.

HAMEL, R. E. Políticas y planificación del lenguaje: una introducción. In: **Políticas del lenguaje en América latina**. Iztapalapa, n. 29, 1993, p. 5-39.

MCCARTY, T. L. (Org.). **Ethnography and language policy**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

MACHADO E SILVA, R. C. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 47(2), 357-373, jul./dez. 2008.

MACHADO e SILVA, R. C. Fronteiras Nacionais e Configurações Socioculturais. In: PIRES-SANTOS, M. E.; MACHADO e SILVA, R. C. (Orgs.). **Interdisciplinaridade e Fronteiras: movimentos, identidades e configurações**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012, p. 13-30

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MAHER, T. M. Em busca de conforto linguístico e metodológico no Acre indígena. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 47(2), 409-428, jul./dez. 2008. **crossref** <https://doi.org/10.1590/s0103-18132008000200009>

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (Orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, p. 117-134, 2013.

OLIVEIRA, N. **Foz do Iguaçu intercultural: o cotidiano e narrativas da alteridade**. Foz do Iguaçu, PR: Epígrafe, 2012.

PIRES-SANTOS, M. E. **Fatores de risco para o sucesso escolar de crianças brasiguaias nas escolas de Foz do Iguaçu**: uma abordagem sociolingüística. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

PIRES-SANTOS, M. E. Narrativas de identidades: a linguagem como lugar de (in)visibilização. In: PEREIRA, D. A. (Org.). **Cartografia Imaginária da Tríplice Fronteira**. São Paulo: Dobra Editorial, p. 117-138, 2014.

PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

REYES, A. Linguistic Anthropology in 2013: Super-New-Big. **American Anthropologist**. Vol. 116, n. 2, p. 366-378, 2014.

RIBEIRO-BERGER, I. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai**: um olhar a partir do observatório da educação na fronteira. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RIBEIRO DA SILVA, E. A pesquisa em política linguística: histórico, desenvolvimento e pressupostos epistemológicos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 52.2, p. 289-320, jul./dez. 2013.

SHOHAMY, E. **Language Policy**: hidden agendas and new approaches. Routledge: Oxon, 2006. **crossref** <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

SHOHAMY, E.; GURTER, D. **Linguistic Landscape**: Expanding the Scenery. Routledge: Oxon, 2009.

SILVA, M. A. da. **Breve história de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SOUSA SANTOS, B. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

UNILA, um espaço de câmbios individuais e construções coletivas. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/noticias/nosotros-latino-americanos-presente>. Acesso em: 20 ago. 2014.

VERTOVEC, S. (2007). Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, 30(6), 1024-1054. Disponível em: <<http://www.informaworld.com/smpp/title~content=t713685087>>. **crossref** <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

Artigo recebido em: 16.06.2016

Artigo aprovado em: 26.08.2016